

SERÉ PRINCE HALVERSON

# O MAIOR AMOR DO MUNDO

Tradução de Ana Lourenço

## Capítulo Um

Li recentemente um estudo que alegava que as pessoas felizes não são fruto de treino. Já nascem assim. A felicidade, observava o relatório, tem tudo a ver com a genética – um gene bem-disposto passou alegremente de pai para filho. Sei o suficiente sobre a vida para compreender o velho ditado de que uma pessoa não pode fazer-nos felizes, ou o de que o dinheiro não pode comprar a felicidade. Mas não acredito na teoria de que a felicidade depende apenas do nosso património genético.

Durante três anos andei a nadar nas águas da felicidade.

A alegria era visível e, muitas vezes, ruidosa. Outras vezes, acalmava-se – o hálito leitoso de Zach no meu pescoço, ou o cabelo de Annie enrolado nos meus dedos enquanto o entrançava, ou Joe a cantarolar uma velha canção dos Crowded House no duche enquanto eu lavava os dentes. O vapor no espelho turvava-me a visão, embaciava o meu reflexo, como uma fotografia desfocada a alisar as minhas rugas, mas nem elas me incomodavam. Não se pode ter pés de galinha se não se sorri, e eu sorria muito.

Também sei agora, anos mais tarde, outra coisa: a felicidade mais genuína não pode ser tão pura, tão profunda, ou tão cega.

Nessa primeira madrugada do verão de 1999, Joe levantou o edredão e beijou-me a testa. Abri um olho. Ele vestia a *sweatshirt* cinzenta,

tinha a mala da máquina fotográfica pendurada ao ombro, e, com o hálito a pasta de dentes e a café, sussurrava-me qualquer coisa acerca de ir até Bodega antes de abrir a loja. Percorreu com os dedos as sardas no meu braço onde, dizia, se formavam as letras do seu nome. Dizia que eu tinha tantas sardas que conseguia ver no meu braço as letras não só de Joe, mas de Joseph Anthony Capozzi Júnior. Naquela manhã, acrescentou:

– Uau, *júnior* até está por extenso! – Voltou a tapar-me. – És fantástica!

– E tu és um fanfarrão – respondi, já a adormecer de novo. Mas sorria. Tínhamos tido uma boa noite. Ele sussurrou que me deixara um bilhete, e ouvi-o sair pela porta, descer os degraus do alpendre, a porta da *pickup* a ranger, o motor a roncar cada vez mais alto, depois a desvanecer-se, até desaparecer.

Mais tarde naquela manhã, as crianças enfiaram-se na minha cama, a rir. Zach levantou o lençol banhado pelo sol e segurou-o sobre a cabeça como se fosse uma vela. Annie, como sempre, autodenominara-se capitã. Mesmo antes do pequeno-almoço, partimos rumo ao desconhecido, uma superfície lisa a esconder o fundo intrincado e escorregadio das coisas, sem conhecer o nosso destino final.

Agarrámo-nos uns aos outros no velho colchão *Sealy Posturepedic*, mas ainda não tínhamos ouvido a notícia que iria mudar tudo. Estávamos a brincar aos navios.

Pelas afirmações deles, enfrentávamos uma manhã agitada no mar, e eu precisava de café. Desesperadamente. Sentei-me e observei-os, as suas cabecinhas douradas ainda em desalinho devido ao sono.

– Vou remar até à ilha Cozinha e trazer mantimentos.

– Não quando o perigo espreita – interveio Annie. *O perigo espreita?*, pensei. Com seis anos, teria eu já ouvido aquela expressão? Ela pôs-se de pé, as mãos nas ancas enquanto se equilibrava no colchão. – Podemos perder-te.

Levantei-me, contente por me ter lembrado de vestir as cuecas e a *T-shirt* de Joe antes de adormecer na noite anterior.

– Mas, minha querida, como podemos lutar contra os piratas sem bolachas?

Olharam um para o outro. Os seus olhares espantados, como se perguntassem: Antes do *pequeno-almoço*? Será que ela *enlouqueceu*?

Bolachas antes do pequeno-almoço... Ah, porque não, raios? Sentia vontade de comemorar. Era a primeira manhã sem nevoeiro nas últimas semanas. Toda a casa resplandecia com o regresso do sol pródigo, e a preocupação que me andava a incomodar desaparecera. Peguei no meu copo de água e no bilhete que Joe deixara debaixo dele, as palavras ligeiramente esborratadas pelo anel de água: *Ella Bella, fui fotografar a costa antes de abrir a loja. Adorei a noite de ontem. Beijos para A&Z. Passa por lá mais tarde, se...* mas as suas últimas palavras eram apenas borrões de tinta.

Eu também adorara a noite anterior. Depois de termos deitado as crianças, conversámos na cozinha até ao anoitecer, encostados às bancadas, ele com as mãos nos bolsos, como sempre. Limitámo-nos a temas seguros: Annie e Zach, um piquenique que tínhamos planeado para domingo, uns boatos estranhos que ele ouvira na loja – tudo, menos a loja em si. Ele lançara a cabeça para trás, rindo-se de algo que eu dissera. O que tinha sido? Não conseguia lembrar-me.

Havíamos discutido no dia anterior. Depois de cinquenta e nove anos, o Mercado Capozzi lutava para se manter aberto ao público. Eu queria que Joe contasse ao pai. Ele queria continuar a fingir que os negócios corriam bem. Mal conseguia dizer a *si próprio* a verdade, quanto mais ao pai. A seguir, tinha um momento de lucidez, dizia-me qualquer coisa sobre uma conta em atraso ou a lentidão com que o inventário estava a decorrer, e eu explodia, o que imediatamente o levava a fechar-se de novo em copas. Era um mau padrão que seguíamos já há alguns meses. Joe desencostou-se da bancada, aproximou-se de mim, segurou-me pelos ombros, e disse:

– Temos de encontrar uma forma de falar sobre as dificuldades.

Eu assenti com a cabeça. Concordámos que, até pouco tempo antes, não houvera muitos assuntos difíceis sobre que falar.

Eu achava que tínhamos sorte.

– Annie, Zach. Nós... – Em vez de enfrentar temas difíceis nesse momento, beijei-o e levei-o para o nosso quarto.

Fingi remar pelo corredor estreito, passando por cima do brontossauro de Zach e do castelo *Lego* a meio da sua construção, até estar fora de vista, depois parei no meio da cozinha para fazer uma trança no cabelo. A nossa casa era um pouco como o meu cabelo ruivo: uma massa de cor e desordem. Tínhamos derrubado a parede entre a cozinha e a sala de estar, portanto, de onde me encontrava, podia ver as prateleiras repletas até ao teto de livros, plantas e trabalhos manuais diferentes – um barco feito com paus de gelado pintados de amarelo e roxo, uma jarra de barro torta com *Feliz Dia da Mãe* escrito em letras de macarrão, o M há muito desaparecido, mas deixando uma depressão no seu lugar. Grandes composições de fotografias a preto e branco de Joe penduradas nos poucos espaços que não tinham prateleiras ou janelas. Uma enorme porta envidraçada dava para o alpendre da frente e para o terreno anexo. A porta antiga não isolava muito, mas não tínhamos sido capazes de a substituir. Adorávamos o efeito ondulado do seu vidro na paisagem, como se olhássemos através da água para as hortênsias que cresciam encostadas ao alpendre, a alfazema que esperava ser apanhada, o galinheiro e as silvas de amoras, o velho celeiro inclinado, construído muito antes de o avô Sergio comprar o terreno na década de 1930, e, finalmente, a estender-se do outro lado do prado desde as sequoias e carvalhos, a horta, o nosso grande orgulho. Tínhamos cerca de meio hectare – principalmente ao sol, com um vislumbre do rio se se estivesse no sítio exato.

Joe e eu gostávamos de cuidar da terra, e isso via-se. Mas nenhum de nós, incluindo as crianças, era muito organizado no que dizia respeito ao interior da casa. Para mim isso não era um problema. A minha casa e a minha vida anteriores tinham sido extremamente organizadas mas austeras e vazias, pelo que eu desvalorizava o caos e considerava-o um efeito colateral necessário para uma existência plena.

Tirei o leite do frigorífico, depois preni o bilhete de Joe à porta com um íman. Não sei porque não o deitei fora; provavelmente queria agarrar-me à doçura da reconciliação da noite anterior, à *Ella Bella...*

Chamo-me Ella Beene, e, podem calcular, como já tive imensas alcunhas. De todas, a de Joe era a que eu mais gostava. Não sou uma beldade em termos físicos – não sou feia, mas nada como seria se tivesse tido voto na matéria. Sim, o cabelo ruivo intriga, mas o resto é bastante comum. Sou muito branca e sardenta, demasiado alta e magra para alguns, com feições razoáveis – olhos castanhos, lábios agradáveis – que ficam mais bonitas quando me lembro de usar maquilhagem. Mas a verdade é esta: eu sabia que o Joe gostava da embalagem toda. Do interior, do exterior, do que estava no meio, de todo o meu metro e setenta e oito. E como cada uma das minhas alcunhas era indicada no seu determinado momento, deixei-me cativar por aquela: *Bella*. Então ali estava eu. Trinta e cinco anos, linda em italiano, numa manhã de sábado, a fazer café forte, a preparar bolachas e leite para as nossas crianças.

– Bolachas. Quero bolachas. – Os marinheiros tinham saltado do barco e arregalavam os olhos, agarrando nos copos de leite e nas bolachas de aveia que estavam na bancada da cozinha. A nossa cadela, *Callie*, uma mistura de labrador amarelo e *husky*, que sabia arvorar a sua expressão mais desolada, sentou-se a abanar a cauda até eu lhe dar uma bolacha e a deixar sair. Tomei o meu café e vi Annie e Zach enfiarem as bolachas na boca, grunhindo, enchendo o chão de migalhas. Aquela era a única coisa que a *Rua Sésamo* lhes ensinara que eu teria dispensado.

O Sol chamava-nos, portanto, pedi-lhes que se despachassem e se fossem vestir, enquanto eu enfiava uns calções e punha roupa escura a lavar na máquina. Quando enfiava no tambor o último par de calças de ganga, Zach apareceu a correr completamente nu com o pijama-*babygrow* na mão.

– Eu faço sozinho – disse. Fiquei espantada por ele não o ter abandonado no chão como habitualmente, e peguei-lhe ao colo para que ele pudesse meter na máquina a sua contribuição. Senti o seu rabinho frio contra o meu braço. Ficámos a observar durante um momento o turbilhão de carros de bombeiros e lâ azul dentro da água com detergente. Depois, pousei-o no chão e ele afastou-se pelo corredor de madeira fazendo mais barulho que o habitual. Com exceção de apertar os sapatos, que Zach só conseguiria fazer dali a alguns anos, as

duas crianças tinham-se tornado incrivelmente autossuficientes. Annie estava mais do que pronta para o primeiro ano, e Zach para o infantil, embora eu não me sentisse ainda preparada para me libertar dele.

Este seria um ano memorável: Joe iria impedir o naufrágio do estabelecimento que estava na sua família há três gerações. Eu voltaria ao trabalho no outono como guia no Serviço de Pesca e Vida Selvagem. E Annie e Zach sairiam pela porta todas as manhãs, cada um a dar saltos gigantes ao longo do caminho cada vez mais pequeno da infância.

Quando os conheci, Annie tinha três anos e Zach seis meses. Eu ia a caminho de San Diego para uma nova vida, embora não soubesse bem onde ou como seria ela. Tinha parado na pequena e engraçada cidade de Elbow junto ao rio Redwoods, no Norte da Califórnia. A cidade recebera aquele nome devido à sua localização na curva de quarenta e cinco graus do rio, mas os moradores diziam em tom de brincadeira que o nome vinha da massa «cotovelinhos», porque ali moravam muitos italianos. Tencionava comprar uma sandes e um chá gelado, depois talvez esticar as pernas e percorrer o caminho até à praia de areia junto ao rio sobre o qual havia lido, mas um homem de cabelo escuro estava a fechar a loja. Uma menina libertou-se das suas mãos enquanto ele tentava enfiar a chave na fechadura e equilibrar um bebé no outro braço. Ela soltou-se e veio a correr na minha direção, chocando com as minhas pernas. A sua cabeça loura dava-me pelos joelhos, e ela riu-se e levantou os braços para mim.

– Upa.

– Annie! – chamou o homem. Era magro, um pouco desgredado e ansioso, mas bastante agradável à vista.

– Posso pegar nela? – perguntei.

Ele sorriu de alívio.

– Se não se importar... – *Importar?* Peguei na criança e ela começou a brincar com a minha trança. – A miúda não sabe o que é a timidez! – continuou ele. Eu sentia as suas pernas rechonchudas a apertarem as minhas ancas, sentia o cheiro do champô *Johnson's* para bebé, da relva cortada, de fumo de lenha, de um pouco de lama. Um

hálito a sumo de uva aflorou-me a face. Ela segurava a minha trança, mas não puxava.

*Callie* latiu e, da cozinha, vi o carro-patrolha de Frank Civiletti. Estranho. Frank sabia que Joe não estaria em casa. Era o seu melhor amigo desde a escola primária, e conversavam sempre durante o café da manhã na loja. Eu não tinha ouvido Frank chegar, mas lá estava o seu carro, a subir lentamente o caminho de acesso, os pneus a fazerem barulho na gravilha. Também era estranho. Frank nunca conduzia devagar. E ligava sempre a sirena quando virava para nossa casa. Era o seu ritual para as crianças. Olhei para o relógio do micro-ondas: 8h53. Já? Peguei no telefone, depois pousei-o. Joe não ligara quando chegara à loja. Ele ligava *sempre*.

– Tomem. – Peguei nas cestas dos ovos e entreguei-as às crianças. – Vão ver as Senhoras e tragam-nos o pequeno-almoço. – Abri a porta da cozinha e vi-os correr para o galinheiro, acenando e gritando:

– Tio Frank! Liga a sirena!

Mas ele não o fez; estacionou o carro. Eu estava na cozinha a olhar para o balde de compostagem na bancada. Vi as borras do café que Joe tinha usado naquela manhã, a casca de banana do seu pequeno-almoço. As margens externas da minha felicidade começaram a ficar castanhas, depois a enrolar-se.

Ouvi a porta do carro abrir e fechar, os passos de Frank na gravilha, no alpendre. As suas pancadinhas no vidro da porta da frente. Annie e Zach estavam ocupados a recolher ovos no galinheiro. Zach soltou uma gargalhada, e eu quis parar o tempo e envolver com ela a nossa vida para que pudéssemos mantê-la intacta e inteira. Obriguei-me a sair da cozinha, a percorrer o corredor, a passar por cima dos brinquedos ainda no chão, vendo Frank através do vidro aquoso olhar para um botão do seu uniforme. *Olha para cima e dá-me o teu sorriso à Jim Carrey. Limita-te a entrar, como costumás fazer, seu desgraçado. Assalta o frigorífico antes de dizeres olá.* Tínhamos a porta a separar-nos. Ele levantou a cabeça e vi-lhe os olhos avermelhados. Virei-me, voltando pelo corredor, e ouvi-o abrir a porta.

– Ella – disse ele, atrás de mim. – Vamos sentar-nos.



– Não. – Os passos dele seguiram-me. Fiz-lhe sinal para que entrasse sem me virar para o olhar. – Não.

– Ella. Foi um vagalhão, em Bodega Head – disse ele para as minhas costas. – Surgiu do nada.

Disse que Joe estava a fotografar o penhasco em First Rock. Testemunhas afirmavam tê-lo avisado, mas ele não os ouviu por causa do vento, do oceano. A onda tombou-o e arrastou-o. Desapareceu antes que alguém conseguisse mexer-se.

– Onde está ele? – Virei-me quando Frank não respondeu. Agarrei-lhe no colarinho. – Onde?

Ele olhou de novo para os pés, depois forçou-se a fitar-me.

– Não sabemos. O corpo ainda não apareceu.

Senti surgir uma pequena esperança, começar a aumentar.

– Ele ainda está vivo. Está! Tenho de ir para lá. Temos de ir. Vou ligar à Marcella. Onde está o telefone? Onde estão os meus sapatos?

– A Lizzie já vem a caminho para ficar com as crianças.

Corri para o nosso quarto, pisei o brontossauro, caí pesadamente sobre o joelho, e levantei-me antes que Frank pudesse ajudar-me.

– Ouve, El. Eu não estaria a dizer nada disto se acreditasse poder encontrá-lo vivo. Alguém disse ter visto um jato de sangue. Acharmos que ele bateu com a cabeça. Não veio à tona para respirar. – Frank disse qualquer coisa a respeito de aquilo acontecer todos os anos, como se eu não fosse de cá. Como se Joe não fosse.

– Isso não acontece ao Joe.

Joe era capaz de nadar quilómetros. Tinha dois filhos que precisavam dele. Tinha-me a mim. Procurei no armário as minhas botas de caminhada. Joe estava vivo e eu tinha de o encontrar.

– Sangue? Provavelmente raspou com o braço. – Encontrei as botas, arranquei o edredão da cama. Ele estaria gelado. Tirei os binóculos do bengaleiro da entrada. Abri a porta de rede e saí para o alpendre, tropeçando no edredão que arrastava. Gritei para trás:

– Vou eu a conduzir? Ou vens comigo?

A mulher de Frank, Lizzie, sentou Zach no pequeno reboque *Radio Flyer* ao lado da sua filha, Molly, enquanto Annie enfiava o braço na pega do reboque e gritava com as mãos em concha:

– Vamos levar o barco a remos para a praia. Cuidado com os piratas.

Acenei e tentei parecer alegre.

– Percebido. Obrigada, Lizzie. – Ela assentiu com ar solene. Lizzie Civiletti não era minha amiga; dissera-mo assim que eu aqui chegara, mas também nunca fora indelicada. Protegeria as crianças de quaisquer indícios de pânico. Por mais que eu quisesse ir ter com elas, apertá-las contra mim, sorri, acenei de novo, e mandei-lhes beijos.